

morte em buckingham

s. j. bennett

Tradução de Ana Mendes Lopes

ESTE LIVRO FOI ESCRITO ANTES DA MORTE DO PRÍNCIPE FÍLIPE,
A 9 DE ABRIL DE 2021, AOS 99 ANOS. É POR ISSO, DEDICADO A SI COM
AFETO E RESPEITO POR UMA VIDA BEM VIVIDA. É COM BASTANTE NERVOSISMO.
SERÁ QUE ELE TERIA ATIRADO ESTE LIVRO PARA O OUTRO LADO DA SALA
COM UMA GARGALHADA E UM SORRISO EXASPERADO? ESPERO QUE SIM.



×

PARTE ÚM

SANGFROID

«Mostrarei a Vossa Senhoria o que uma mulher consegue fazer.»

Artemisia Gentileschi, 1593-c.1654

OUTUBRO DE 2016



PRÓLOGO



Sir Simon Holcroft não era um nadador. Quando era aprendiz de piloto na Marinha Real, há um milénio de anos, o secretário privado da Rainha suportara vários exercícios de treino em que ficava, por exemplo, mergulhado debaixo de água. Se fosse necessário, ele conseguia fugir de um helicóptero em pleno oceano Atlântico, mas andar às voltas para cima e para baixo numa piscina coberta não tinha o menor encanto para ele. Porém, agora que se aproximava da ilustre idade de cinquenta e quatro anos, o cós das suas calças era cinco centímetros mais largo do que devia e o médico do palácio não parava de barafustar por causa dos níveis de colesterol. Alguma coisa tinha de ceder e não podia ser apenas o botão das calças.

Sir Simon sentia-se cansado. Sentia-se sem energia. Na longa e desconfortável viagem de carro de regresso da Escócia, chegou à conclusão de que alguém tinha comido demasiados bolos *Dundee* e não se oferecera para acompanhar a Rainha nas suas caminhadas pelo campo vezes suficientes. O seu primeiro pensamento quando chegou à casa que ocupava no Palácio de Kensington foi que precisava de sair deste torpor e de se mexer.

As últimas semanas em Balmoral foram diabólicas. Era como se os mosquitos estivessem a levar a cabo os seus próprios Jogos das Terras Altas. A maior parte das manhãs eram passadas com o príncipe Filipe a discutir os detalhes do iminente Programa de Renovação, e a maior parte das tardes eram passadas ao telefone com os seus companheiros cortesãos a discutir as últimas sugestões e questões do duque, assim como algumas

que ele próprio acrescentava. Se não tivessem este trabalho completamente concluído quando a proposta fosse apresentada ao Parlamento, as coisas não correriam bem e o proverbial estrume espalharia o seu fedor por todo o lado.

O que ele precisava era de vigor. E de frescura. Não obstante a sua falta de entusiasmo, a piscina do Palácio de Buckingham parecia ser a melhor solução. O pessoal estava treinado para não frequentar a piscina quando a família estava na residência. O problema era que, quando a família estava fora, ele também costumava estar e vice-versa. No entanto, depois de naquela noite se ver de relance num inclemente espelho de corpo inteiro no PK, Sir Simon tomou a decisão de arriscar e nadar um pouco logo pela manhã. Rezou para não encontrar nenhum funcionário jovem e em extraordinária forma física, ou pior, o próprio duque, que também gostava de nadar, quando fosse passear o seu corpo picado pelos mosquitos e a desafiar as costuras dos calções de banho.

Sir Simon atravessou Hyde Park e Green Park — era uma das poucas caminhadas de quarenta e cinco minutos que se podiam fazer pelo centro de Londres sempre por zonas verdes — e chegou ao palácio às seis e meia da manhã. Num acesso de estupidez, vestira os calções de banho por baixo das calças, o que fazia com que ambas as peças fossem extremamente desconfortáveis. Pousou a pasta na secretária do escritório, pendurou o casaco do fato num cabide de madeira num bengaleiro e tirou os sapatos. Enrolou delicadamente a gravata de seda, que hoje tinha coalas cor-de-rosa, e guardou-a em segurança no sapato esquerdo. A seguir colocou a mochila com a toalha de banho ao ombro e percorreu só de meias a curta distância até ao pavilhão nordeste. Já eram sete menos um quarto.

O pavilhão, contíguo à Ala Norte com vista para o Green Park, tinha sido originalmente concebido por John Nash como um jardim de inverno. Sir Simon sempre achou que deviam ter mantido a ideia original do espaço. A sua mãe era uma amante de plantas e ele encarava os jardins de inverno como um hino ao mundo natural, enquanto as piscinas aquecidas eram um pouco pirosas. Não obstante, nos anos trinta, o pai da Rainha decidira converter este jardim de inverno numa piscina para as pequenas princesas nadarem e agora ali estava, com os seus pilares de inspiração grega e os azulejos *art deco* um pouco gastos, a precisar tanto de uma atualização como os outros recantos do palácio que o público não via.

O acesso à área da piscina fazia-se a partir do interior do edifício principal; a porta estava coberta por instruções sobre o que fazer em caso de

incêndio, assim como recomendações para ninguém nadar sozinho, que Sir Simon ignorou prontamente. O corredor da entrada já era desconfortavelmente húmido. Ainda bem que deixara a gravata para trás. Nos balneários masculinos, despiu a camisa, as meias e as calças e pendurou a toalha no braço. Reparou num copo de cristal lapidado que alguém deixara esquecido em cima de um banco. Que estranho, a família só chegara das Terras Altas na noite anterior. Deve ter havido um festejo qualquer de regresso a casa por parte da geração mais nova. Todo o tipo de vidro estava proibido na zona da piscina, mas ninguém dizia aos príncipes e princesas o que podiam ou não podiam fazer na piscina da casa da avó. Sir Simon tomou nota mental para contactar o departamento de limpeza para tratarem do assunto.

Tomou um duche rápido e atravessou a zona da piscina, com as janelas com vista para as árvores altas do jardim, e preparou-se para o choque da água mais fria a bater contra a carne demasiado sólida do seu corpo.

Mas o choque que recebeu foi bastante distinto.

Inicialmente, o seu cérebro recusou-se a registar o que estava a ver. Seria um cobertor? Um truque de luz? Havia tanto vermelho ali. Tanto vermelho contra o chão de mosaicos verdes. No centro da mancha vermelha via-se uma perna de mulher, despida até ao joelho. A imagem cravou-se na sua retina. Sir Simon pestanejou.

À medida que dava dois passos na direção da bizarra cena, a sua respiração tornou-se breve e súbita. Deu mais dois passos e estava ele próprio no meio do sangue derramado, a olhar para baixo no mais perfeito horror.

Uma mulher com um vestido de cor pálida estava deitada enroscada de lado numa poça de escuridão. Os seus lábios estavam tingidos de azul e os olhos encontravam-se abertos, mas não viam nada. O seu braço direito estava estendido em direção aos pés, com a palma da mão para cima. Tudo se via encharcado e manchado de sangue coagulado. O braço esquerdo da mulher estendia-se na direção da beira da piscina, onde a poça escura se detinha finalmente. Sir Simon sentiu o seu próprio sangue a pulsar, palpitando num ritmo binário junto dos seus ouvidos.

Cuidadosamente, ajoelhou-se e encostou os dedos relutantes ao pescoço da mulher. Não tinha pulsação, claro, como podia ter, com os olhos assim tão fixos? Desejou poder fechar-lhe as pálpebras, mas sentiu que talvez não devesse fazê-lo. O cabelo estava espalhado em redor da cabeça, como um halo encharcado e vermelho. Parecia surpreendida. Ou seria só a sua imaginação? A mulher tinha um ar tão frágil que, se estivesse viva, Sir

Simon podia ter pegado nela facilmente para a levar ao colo até um lugar seguro.

Quando se levantou, sentiu uma dor aguda no joelho. Quando tentou limpar algum do sangue pegajoso da sua pele, encontrou algo áspero. Examinando os dedos, percebeu que eram estilhaços de vidro grosso. Agora, o seu próprio sangue, que escorria do corte acabado de fazer, misturava-se com o sangue dela. Foi então que os viu — os estilhaços do copo de uísque partido, que repousavam como ruínas de cristal num mar carmesim.

Ele conhecia o rosto, conhecia o cabelo. O que estava ela a fazer aqui com um copo de uísque? O corpo de Sir Simon não queria mover-se, mas forçou-se a recuar até ao exterior do pavilhão para procurar ajuda. Embora soubesse que era demasiado tarde para alguma ajuda fazer a diferença.

CAPÍTULO 1



TRÊS MESES ANTES...

Filipe?
— Sim? — O duque de Edimburgo levantou meia sobrancelha do *Daily Telegraph* dobrado que estava encostado a um frasco de mel à mesa do pequeno-almoço.
— Sabes aquele quadro?
— Que quadro? Tens sete mil quadros — disse, só para ser difícil.
A Rainha suspirou profundamente. Estava prestes a explicar.
— Aquele do *Britannia*. O que costumava estar pendurado no exterior do meu quarto.
— Qual, aquele pequeno horrível do australiano que não sabia pintar barcos? É desse que estás a falar?
— Sim.
— Sim?
— Bem, vi-o ontem em Portsmouth, na Semaphore House. Numa mostra de arte marítima.
Filipe olhou atentamente para a página do editorial do seu jornal e comentou:
— Bem, isso faz sentido. Para um barco.
— Não estás a perceber. Fui inaugurar a nova estratégia digital da Marinha e eles penduraram alguns quadros no átrio. — A estratégia digital era uma questão complicada que pretendia atualizar a Marinha Real em termos de tecnologia; a mostra de arte fora bastante simples. — A maior parte das peças de arte eram coisas acinzentadas de navios

de guerra. Um iate Classe J com as velas desfraldadas em Southampton, porque há sempre um naquelas águas. E ao lado deste estava o nosso *Britannia* de 63.

— Como sabes que era o nosso? — Ele continuava sem levantar os olhos.

— Porque era o nosso quadro — disse a Rainha com acidez, sentindo-se subitamente muito triste com a falta de interesse do marido. — Conheço bem os meus próprios quadros.

— Tenho a certeza de que conheces. Todos os sete mil. Bem, diz ao responsável pela mostra que deve devolver o quadro e pronto.

— Já disse.

— Ótimo.

A Rainha pressentiu que o artigo do *Daily Telegraph* devia ser sobre o Brexit, a avaliar pela disposição mais irritada do marido do que era habitual. Cameron já não estava no governo, o partido estava numa agitação. Tudo tinha sido tratado de forma tão desajeitada... Um único quadro de um artista modesto, presenteado muito antes de a Grã-Bretanha se ter juntado ao Mercado Comum, não era um assunto muito relevante. Levantou os olhos para as paisagens de Stubbs, que adornavam as paredes da sala de jantar privada do palácio com os seus magníficos cavalos. O próprio Filipe já a pintara aqui, há muitos anos, a ler o jornal. E podia dizer-se que o fizera melhor do que o pobre homem que pintara o *Britannia*, mas este quadro fora um dia muito querido para ela.

Tornara-se num dos seus favoritos de formas que nunca partilhara com ninguém. E queria tê-lo de volta.

ALGUMAS HORAS DEPOIS, ROZIE OSHODI CHEGOU AO ESCRITÓRIO DA Rainha, na Ala Norte, para ir buscar as caixas vermelhas da manhã, que continham os documentos oficiais de Sua Majestade. Rozie juntara-se à equipa enquanto assistente do secretário privado da Rainha há alguns meses, após uma breve carreira no Exército e depois num banco privado. Ainda era relativamente jovem para o cargo, mas até agora a sua prestação era admirável, incluindo — e talvez especialmente — nos aspetos menos convencionais do emprego.

— Alguma notícia? — perguntou a Rainha, levantando os olhos da última folha da pilha.

No dia anterior, Rozie ficara incumbida de descobrir como o quadro

do antigo iate real fora parar na mostra de artes e de organizar o seu rápido retorno.

— Sim, minha senhora, mas não são boas.

— Oh? — A expressão foi de surpresa.

— Falei com o administrador das instalações da base naval — explicou Rozie — e ele disse-me que é uma confusão em relação à identidade do quadro. O artista australiano deve ter pintado mais do que uma versão do *Britannia*. Este foi emprestado para a mostra de arte pelo segundo lorde da Marinha. O quadro não tem qualquer placa identificativa. Pertence à coleção do Ministério da Defesa e está pendurado no seu gabinete há anos.

A Rainha olhou para a assistente, através dos seus óculos bifocais, com um ar pensativo.

— Está? A última vez que o vi foi nos anos noventa.

— Minha senhora?

Havia um brilho beligerante por detrás dos óculos reais.

— O segundo lorde da Marinha não tem outra versão. Tem a *minha* versão. Numa moldura diferente. E agora está a dizer-me que já a tem consigo há anos.

— Ah... sim. Compreendo. — Pela expressão do seu rosto, era evidente que Rozie não compreendia.

— Volte a contactá-lo e descubra o que se passa, sim?

— Com certeza, minha senhora.

A Rainha passou o mata-borrão sobre a sua assinatura no documento e guardou-o na caixa vermelha. A assistente pegou na pilha de folhas e deixou-a entregue aos seus pensamentos.

CAPÍTULO 2



Este lugar é uma armadilha mortal.
— Oh, vá lá, James. Estás a exagerar.
— Não estou, não. — O guardião do Tesouro Privado olhou furiosamente para o secretário privado por cima da secretária antiga do escritório deste último. — Fazes ideia de quanta borracha vulcanizada encontraram?

— Não faço sequer ideia do que isso seja. — A sobrancelha esquerda que Sir Simon ergueu transmitia ao mesmo tempo curiosidade e diversão. Enquanto secretário privado era responsável por gerir as visitas oficiais da Rainha e as relações com o Governo, mas acabava por se interessar por tudo o que podia afetá-la. E o estatuto de armadilha mortal ou não do Palácio de Buckingham inseria-se definitivamente nesta categoria.

O seu visitante, Sir James Ellington, era o responsável das finanças reais. Trabalhara com Sir Simon durante anos e não era invulgar fazer a rápida caminhada de dez minutos desde a sua secretária no cimo da Ala Sul até ao gabinete espaçoso de tetos altos que Sir Simon ocupava no rés do chão da Ala Norte, para se poder queixar do seu último fiasco. Atrás de cada homem emproado está um simples inglês a morrer de vontade de partilhar a sua irritação em privado com alguém. Sir Simon reparou que o amigo estava invulgarmente irritado com a borracha vulcanizada. O que quer que isso fosse.

— A borracha é tratada com enxofre para endurecer — explicou Sir James — e é usada para fazer o revestimento dos fios elétricos, por exemplo.

Pelo menos, era o que se fazia há cinquenta anos. Serve para o efeito, mas a verdade é que com o tempo o material vai-se degradando, com a exposição ao ar e à luz, entre outros fatores. Torna-se quebradiço.

— Um pouco como tu estás esta manhã — observou Sir Simon.

— Não. Não fazes ideia.

— E então... Qual é o problema com a nossa borracha vulcanizada e quebradiça?

— Está a cair aos bocados. Os fios já deviam ter sido substituídos há décadas. Sabíamos que as condições iam ser más, mas quando tivemos aquela fuga no telhado, no mês passado, descobriram um conjunto enorme de cabos que quase se desintegraram assim que tocaram neles. Isto significa que toda a parte elétrica do edifício está literalmente segura por um fio. Ou por mil e seiscentos quilómetros de fios. Basta uma ligação defeituosa e... pfft! — Sir James fez um gesto com a elegante mão direita que pretendia imitar fumo ou uma pequena explosão.

Sir Simon fechou brevemente os olhos. Eles não eram propriamente alheios aos perigos do fogo. O desastre do incêndio no Castelo de Windsor tinha demorado cinco anos e vários milhões de libras a resolver. Abriram o Palácio de Buckingham ao público todos os verões para ajudar a pagar as reparações. Infelizmente, quando foi feita uma inspeção às condições *deste* palácio, por uma questão de precaução, descobriram que o seu estado era ainda mais perigoso do que o do castelo. Os planos para a sua reparação estavam encaminhados, mas as novas fontes de preocupação não paravam de surgir.

— Então o que fazemos? — perguntou Sir Simon. — Tiramo-la daqui?

Não valia a pena especificar quem devia ser levada da residência ou não.

— Seria o melhor a fazer, e depressa. Claro que o mais provável é ela não querer ir.

— Naturalmente.

— No ano passado falámos levemente da ideia e ela não achou graça nenhuma — disse Sir James com ar sombrio. — Não a culpo. Se saísse daqui, teria de ir para Windsor, para poder manter a agenda, e íamos acabar por entupir a M4 com embaixadores, ministros e convidados das festas de jardim que andariam sempre para cima e para baixo. O próprio castelo teria de ser reconfigurado para fazer face às exigências. Se puder, ela continuará a conduzir as coisas daqui. Se não está estragado...

— Mas *está* estragado, segundo me dizes — salientou Sir Simon.

Sir James suspirou.

— Sim, está estragado, como tão gentilmente me recordas — levantou os olhos para o céu. — O Palácio de Buckingham está estragado. Se fosse uma casa geminada em Birmingham, os peritos colavam um papel na porta da frente e proibiam a família de lá voltar até serem feitas todas as reparações. Mas é um palácio em funcionamento, por isso não podemos fazer o mesmo. Estávamos mesmo a acabar o Programa de Renovação para funcionar a par da sua agenda — isto só vai acrescentar mais um ou dois milhões, sem dúvida. Oh, quase me esquecia: lembras-te da Mary, a minha secretária? Aquela eficiente que respondia sempre aos e-mails a horas e que sabia tudo sobre a agenda de planeamento do programa, a que é um pequeno génio?

— Sim?

— Acabou de nos entregar a sua demissão. Não ouvi todos os detalhes, mas hoje de manhã estava lavada em lágrimas. Por isso...

Foi interrompido pela chegada de Rozie, que trazia as caixas vermelhas; pousou-as sobre a consola de tampo de mármore junto à porta, prontas para um oficial do Gabinete as vir buscar mais tarde.

— Tudo bem? — perguntou-lhe Sir Simon.

— Quase tudo. Como descubro se, nos anos noventa, emprestámos um dos quadros privados da Rainha ao Ministério da Defesa?

Perante esta pergunta sem interesse, Sir James levantou-se e foi-se embora.

ROZIE OBSERVOU A SUA SAÍDA COM CURIOSIDADE. ENTRETANTO, SIR SIMON inclinou-se para a frente e uniu as pontas dos dedos para se concentrar no assunto em questão. Rozie pensava frequentemente que ele era bom a saltar de um problema para o outro — como um ginasta nas barras assimétricas, ou como um esquilo num percurso com obstáculos.

— Humm. Talvez falando com o Instituto da Coleção Real — sugeriu.

— Eles tratam das coleções privadas assim como das joias da coroa, creio. Porque nos interessa isso?

— Porque a Patroa viu um quadro em Portsmouth — explicou Rozie.

— O Ministério da Defesa diz que o quadro lhes pertence. O problema é que ela diz que foi um presente pessoal do artista que o pintou. E ela há de saber o que está a dizer.

— Normalmente sabe. Qual é a desculpa do Ministério?

— Sugerem que deve haver dois quadros semelhantes.

Sir Simon assobiou para si.

— É uma jogada arrojada da parte deles. É possível perguntar ao artista?

— Não, fui verificar e já morreu. Chamava-se Vernon Hooker. Morreu em 1997.

— Ele pintou muitos barcos?

— Centenas. Se o pesquisar no Google, verá.

Rozie esperou enquanto Sir Simon escrevia obedientemente o nome do artista nas imagens do Google e instintivamente recuou.

— Por amor de Deus! Mas o homem alguma vez velejou?

Rozie não era perita em paisagens marinhas, mas a reação de Sir Simon não a surpreendeu. Vernon Hooker gostava de retratar os seus temas com cores brilhantes e com um evidente desdém pela luz e sombra. As imagens tinham mais tons verde-esmeralda, azul-elétrico e lilás do que se podia esperar de paisagens que retratavam principalmente o mar e o céu. Por outro lado, um dos artistas favoritos da Rainha era Terence Cuneo, cujos quadros de comboios e cenas de batalha também não eram propriamente monocromáticos. E para sua surpresa, quando no dia anterior Rozie foi procurar Hooker *online*, constatou que os seus quadros se vendiam normalmente por milhares. Era muito desejado pelos colecionadores.

— Eles devem ter razão, não devem? — concluiu Sir Simon, olhando novamente para o ecrã. — O Ministério, quero dizer. Há dúzias destes malditos quadros. Aposto que este tal de Hooker ganhava mais dinheiro com quadros de um iate real do que com paisagens marinhas normais. É provável que tenha pintado imensos.

— Ela está inflexível. E, na verdade, tanto quanto pude determinar, ele não pintou mais nenhum *Britannia*.

— Como eu disse, fale com o Neil Hudson no ICR. Veja se o emprestaram. Vinte anos é tempo suficiente para o Ministério da Defesa ter algo que não lhes pertence.

— Muito bem. — Rozie mudou de assunto. — Por que motivo Sir James me pareceu tão desconfortável ainda agora? Espero não ter vindo interromper nada.

— Não, é só o seu desespero existencial. É o maldito Programa de Renovação. A secretária demitiu-se e agora descobriram não sei o quê vulcanizado ou algo do género. Enfim, são instalações elétricas defeituosas. Segundo ele, o palácio é uma armadilha mortal.

— Mas é bom saber — respondeu animadamente enquanto se encaminhava para a porta. — Parece ser um programa caro.

— Vai ser, sim. O orçamento já ultrapassou os trezentos e cinquenta milhões de libras. Precisamos que o Parlamento o autorize em novembro e eles nem sequer vão poder aumentar os próprios salários.

Rozie parou à porta.

— Sim, mas esta é a segunda casa mais famosa do mundo.

— Ainda assim... trezentos e cinquenta milhões de libras. — *Sir Simon* cruzou os braços em manga curta e olhou com ar desalentado para o computador. — Não sei como, mas quando eram só trezentos não parecia tão mau.

— Ao longo de dez anos — recordou-o Rozie. — E as obras vão ficar concluídas antes do tempo e dentro do orçamento, como acontece com o Castelo de Windsor. Da última vez que ouvi, a conta para a reforma do Parlamento era de quatro mil milhões de libras.

O secretário privado ficou um pouco mais animado.

— Tem toda a razão, Rozie. Não me ligue, estou a precisar de férias. Como consegue manter-se tão bem-disposta?

— Ar puro e exercício físico — disse ela decidida. — Devia experimentar um dia destes.

— Não seja atrevida com os mais velhos, jovem menina. Estou em excelente forma, para a minha idade.

Rozie, que estava em excelente forma para qualquer idade — e para os seus trinta anos —, dirigiu-lhe um sorriso amistoso antes de regressar ao seu escritório, na porta ao lado.

Ele tentou não demonstrar, mas o comentário de Rozie perturbou-o. Ela era uma jovem mulher alta, atraente, com um cabelo afro cortado curto, um corpo atlético e uma condição física que quase não se alterara desde que deixara a Artilharia Montada Real. Ele, por outro lado, tinha um quarto de século a mais do que ela e os seus joelhos já não eram como antes. Agora, afligiam-lhe as costas. Enquanto jovem piloto de helicóptero e depois como diplomata no Ministério dos Negócios Estrangeiros, era um homem razoavelmente atlético: antigo remador universitário que também era bastante competente no *rugby* e um *às do wicket*. Mas, ao longo dos anos, o seu consumo de bons *claret* aumentara em proporção inversa ao tempo que passava a remar, a jogar à bola ou a brandir um taco de *cricket*. Tinha mesmo de fazer alguma coisa.

CAPÍTULO 3



De regresso à sua secretária, Rozie clicou numa série de imagens que tinha guardadas no seu portátil. Pedira ao administrador das instalações da base naval em Portsmouth para lhe enviar uma fotografia do quadro *Britannia*, para ela fazer uma ideia do que estava a falar. A imagem que ele lhe enviou mostrava o iate real, com as bandeiras a ondular ao vento, rodeado por embarcações mais pequenas com uma mancha de terra plana em segundo plano. Questionou-se por instantes por que razão a Patroa se afeiçoara tanto ao quadro. Era alguém que possuía Leonardos e Turners, assim como um Rembrandt muito pequeno e amoroso que guardava no Castelo de Windsor; Rozie teria alegremente vendido o seu *Mini* para poder comprar aquele quadro.

O administrador das instalações tinha sido bastante firme. O segundo lorde da Marinha — um vice-almirante encarregado de todos os assuntos «pessoais» da Marinha — tinha uma variedade de quadros no seu gabinete, todos legitimamente adquiridos pelo Ministério da Defesa. Quaisquer empréstimos vindos de outros locais eram meticulosamente registados e devolvidos à procedência com todo o cuidado. Este quadro não era um desses. Deviam existir simplesmente dois quadros semelhantes.

Porém, a Patroa estava igualmente certa de que não era o caso.

Rozie fez um telefonema. O agente do artista em Mayfair não tinha conhecimento de qualquer outro quadro do *Britannia* pintado pelo seu antigo cliente, mas sugeriu que Rozie falasse com o filho.

— Don é perito na obra do seu pai. Ele está no final dos sessenta, mas

continua fino como a seda. Vive na Tasmânia. Claro que neste momento é noite, mas tenho a certeza de que ele não se vai incomodar em falar consigo.

Rozie pensou que era uma oferta muito generosa, mas depois lembrou-se da parte de quem estava a ligar. Não, o filho do artista não *devia* importar-se muito de falar com ela sobre o pequeno problema da Rainha. Normalmente as pessoas não se importavam.

Don Hooker era tudo o que o agente prometera.

— O iate real em Hobart, para a regata? Oh, sim, sei qual é. Foi por volta de 1962 ou '63, e Sua Majestade estava a fazer uma das suas viagens. Lembro-me de o meu pai me contar a história. Ele tinha tanto orgulho no quadro! Ele era um grande monárquico, o meu pai, e ali estava ela, aquela senhora tão linda, a correr o mundo no seu barco. Ele seguia todas as emissões que davam notícias da Rainha, e obrigava-nos a ouvir também, embora, para ser franco consigo, Rozie, eu naquela época era um jovem imberbe e não me importava realmente com nada. Mas o meu pai adorava tudo aquilo. Tinha um mapa na parede e ia marcando com alfinetes verdes os sítios por onde ela passava. Colecionava postais, canecas, tudo e mais alguma coisa. Dizia que ela parecia tão feliz naquela viagem e ele queria que ela tivesse algo que a recordasse dela. «Um pedaço dessa alegria», foi o que ele disse. Copiou a fotografia do jornal, acrescentou cor, sabe como é... E recebeu uma carta de agradecimento genuína em papel do palácio, com um enorme brasão vermelho. Dizia que a Rainha nunca vira o *Britannia* tão colorido. Foi o único que ele pintou. Ainda devemos ter a carta algures nos arquivos do meu pai. Se quiser, posso procurar...

Quando Rozie voltou a ligar ao homem do Ministério da Defesa, este já não se mostrou tão confiante da sua teoria dos quadros múltiplos.

— Talvez o nosso seja uma reprodução? — sugeriu. — Concordo que é bastante invulgar, mas posso assegurar com toda a certeza de que não se trata de um empréstimo do palácio.

Sir Simon ia ver a Rainha a seguir e, a pedido de Rozie, informou-a a respeito desta questão.

— Ela diz que não é reprodução nenhuma, que é o seu original — disse Sir Simon a Rozie depois de regressar. — Descubra como o obtiveram e diga-lhes para pararem de empatar. Ela está bastante zangada com isto.

— Como é que ela consegue ver que é o original? — quis saber Rozie. Afinal, a Rainha só vira o quadro durante alguns minutos, sob iluminação desadequada, num edifício da sede da Marinha, durante uma visita com outro propósito.

— Não faço ideia. Mas ela está segura disso.
Se estava segura, então Rozie ia fazer o que tinha de fazer.

— UM POUCO MAIS VIRADA PARA A LUZ.

A Rainha ajustou a inclinação do pescoço, que estava a começar a ficar rígido.

— Assim?

— Está ótimo, minha senhora. Perfeito.

Fechou os olhos brevemente. A Sala Amarela estava agradável e serena. Para lá dos pesados reposteiros bordados, os raios de sol refletiam-se na estátua dourada da Vitória Alada, no Memorial de Vitória — ou o Bolo de Aniversário, como os guardas lhe chamavam. Os raios de luz morna incidiam na sua face esquerda. Se pelo menos não tivesse de manter aquela maldita pose, podia adormecer facilmente...

Mas tinha de a manter. A Rainha abriu os olhos de repente e pousou o olhar sobre o pagode chinês que estava a um canto, com os seus nove andares que quase alcançavam o teto. O seu tio-avô em terceiro grau, George IV, não fazia a coisa por menos.

— Está a conseguir obter o que precisa? — perguntou.

— Completamente. Já não demora muito. Se quiser, pode descansar os ombros durante alguns minutos e rodá-los.

Lavinia Hawthorne-Hopwood, que estava em frente ao cavalete a fazer os primeiros esboços, era uma artista atenciosa. Ela sabia o que as pessoas sentiam quando estavam muito tempo em pose e tentava minimizar o incómodo. Era um dos motivos pelos quais a Rainha gostava de trabalhar com ela. Este não era o primeiro *rodeo* das duas, como diria Harry. (Que expressão maravilhosa. A Rainha adorava *rodeos*. Sempre pensara que, se as circunstâncias tivessem sido outras, teria muito jeito para *rodeos*.)

— Em que parte está a trabalhar agora?

— Nos olhos, minha senhora. São sempre o mais difícil.

— Estou a ver. — Pela janela, contemplou as várias pessoas que posavam no exterior dos portões do palácio para tirarem fotografias. Uma delas parecia estar a fazer alguns movimentos de dança. Seria para uma daquelas redes sociais da moda de que Eugenie lhe falara? A Rainha esticou um pouco o pescoço para a frente a fim de ver melhor.

— Minha senhora, se não se importar...

— Como? — A Rainha despertou de repente dos seus pensamentos

e apercebeu-se de que mudara de posição. Lavinia parara de desenhar. — Desculpe. Está melhor assim?

— Obrigada. É só mais um minutinho ou dois e... pronto. Este já está. Ufa! Quer um copo de água, minha senhora?

— Um gole de chá ajudaria.

Um pires e uma chávena de porcelana apareceram ao lado da Rainha, trazidos por Sandy Robertson, o seu pajem. Depois de um delicioso gole de *Darjeeling*, a Rainha espreguiçou-se discretamente e esfregou o joelho rígido, enquanto a artista revia os seus esboços.

Ali perto, dois tripés com as respetivas câmaras de vídeo e um microfone gravavam a sessão. Uma pequena equipa de três assistentes, vestidos com práticas *t-shirts* e calças, movimentavam-se suavemente entre os equipamentos e as cadeiras que lhes tinham sido atribuídas junto à parede mais afastada. Um jovem rapaz alto e magro, com o uniforme vermelho e azul-marinho da Casa Real, mantinha-se por perto para os ajudar ou reunir, conforme fosse mais apropriado. Filmava-se ali um documentário: *A Arte da Rainha*, ou algo do género — o título ainda não era definitivo. Não se tratava apenas das obras de arte que ela tinha, mas também do seu contributo para as artes.

Hoje estavam a filmar a execução do último trabalho artístico para o qual a Rainha concordara em posar: um busto de bronze. Devia haver alguém a registar as filmagens, matutou a Rainha, só para fechar o círculo. Ou alguém que escrevesse sobre o registo das filmagens dos esboços... enfim, isto podia estender-se até ao infinito. Já estava habituada a ser observada e usada; o facto de ser uma fonte de fascínio fazia com que os seus observadores fossem observados também.

— O busto vai ser em tamanho real? — perguntou a Rainha a Lavinia.

Já sabia a resposta para esta pergunta, mas também sabia da necessidade de fazer conversa de circunstância quando havia câmaras presentes; a conversa de circunstância entre as duas não podia centrar-se no recente e horrível divórcio de Lavinia, nem na detenção do seu filho no colégio privado por tráfico de drogas. Pobre mulher, ganhara o direito a ter alguma privacidade.

— Sim — respondeu Lavinia, espreitando para um conjunto de esboços que estavam espalhados numa mesa ali próxima. — Na verdade, até será um pouco maior. Querem que o busto se destaque na Real Sociedade, minha senhora.

— Humm. O último também era maior?

— Creio que sim, minha senhora, se a memória não me falha. Gostou do resultado?

— Oh, sim. Achei-o bastante bom. Consegui fazer com que eu não me parecesse com... — Encheu as bochechas de ar e fez Lavinia sorrir — a minha trisavó. Pesada. Bochechuda. Velha.

Lavinia regressou ao cavalete.

— O meu objetivo é fazer com que Vossa Majestade brilhe. Mesmo em bronze. Muito bem, está pronta, minha senhora? Se puder virar a sua cabeça e olhar para a minha mão, aqui. Um pouco mais. Está ótimo...

A artista continuou a conversar descontraidamente enquanto trabalhava. Conseguiu obter mais dos seus retratados quando estes conversavam do que quando se limitavam a ficar em silêncio. O rosto da Rainha, em particular, iluminava-se quando estava animada. Em silêncio, podia assumir um ar bastante sombrio, o que transmitia uma impressão errônea a seu respeito.

— Foi a alguma boa exposição de arte ultimamente, minha senhora? — perguntou Lavinia e arrependeu-se imediatamente. Devia ter perguntado pelas corridas.

Mas a Rainha não pareceu ficar incomodada.

— Vamos inaugurar uma no próximo ano pela qual estou bastante ansiosa — disse ela. — Canaletto em Veneza. Temos bastantes obras de Canaletto. — Com isto queria dizer que a maior coleção do mundo era sua. — Foram compradas por atacado por George III a Joseph Smith. Na altura, ele era cônsul em Veneza. Sempre pensei que era um nome bastante entediante para um homem tão interessante.

Lavinia engoliu em seco.

— Meu Deus.

A Rainha sorriu para consigo. Ainda há pouco tempo tivera uma conversa animada sobre este assunto com o seu avaliador de quadros. Depois de viver com eles durante décadas, ela conhecia muito bem os seus Canaletto, embora preferisse as suas próprias impressões a respeito do local. Viajara de Ancona para Veneza no *Britannia* em 1960 — ou teria sido em '61? — para visitar a pequena ilha de Torcello com Filipe, e andar de gôndola à luz da Lua...

Pensou nas primeiras viagens no iate real. Itália, Canadá, as ilhas do Pacífico... O *Britannia* tinha sido renovado depois da guerra, noutros tempos de austeridade, e o seu interior era prático em vez de extravagante. Adequava-se muito melhor ao temperamento da Rainha do que todo o

brilho e esplendor que a rodeavam agora. Como fora *feliz* naquela época, com Filipe e a tripulação, visitando os cantos mais afastados do planeta. Tinha tantas recordações maravilhosas dessas viagens. Aquele «terrível pequeno quadro» invocava de forma singular algumas destas recordações.

— Recentemente, vi um dos quadros da minha coleção pessoal numa mostra de arte na Marinha Real — disse em voz alta. Isto ainda a enervava.

— Oh, que agradável — disse a artista, distraída.

— Não, na verdade não foi. Eu não lhes cedi o quadro. Da última vez em que o vi, ele estava pendurado em frente à porta do meu quarto.

Lavinia levantou a cabeça subitamente.

— Homessa.

— Homessa, de facto — concordou a Rainha.

— Como foi o quadro parar à mostra?

— É uma pergunta muito interessante. — Um minuto depois acrescentou: — Muito bem. Acho que já chega por hoje.

O seu tom de voz era amistoso, porém firme. A artista levantou os olhos, depois olhou de relance para o relógio. A hora terminara e a Rainha estava pronta para tirar a tiara de diamantes que amavelmente concordara em usar para a escultura e que parecia extraordinariamente extravagante em conjunto com a camisola e casaco de lã que a soberana usava. A equipa de filmagens tratou das câmaras, sempre sob o olhar atento do jovem funcionário da Casa Real. O pajem da Rainha já estava a pairar junto à porta, para a acompanhar ao seu próximo compromisso.

— Muito obrigada, minha senhora — agradeceu Lavinia.

A Rainha assentiu.

— Estou ansiosa por ver o brilho do bronze. — O seu tom de voz foi seco, mas os olhos cintilavam.

CAPÍTULO 4



Com a eficiência que já lhe era habitual, Rozie aproveitou a oportunidade para aceitar a sugestão de Sir Simon e visitar o Instituto da Coleção Real quando um compromisso foi cancelado. O sol brilhava lá fora e seria bom poder esticar um pouco as pernas enquanto resolvia o problema do pequeno quadro da Rainha e o tirava da sua lista de tarefas.

Caminhou rapidamente sobre o alcatrão rosado até ao portão lateral que ficava próximo do seu escritório, desviando-se de um táxi preto e de um par de turistas em bicicletas de aluguer. O ar estava morno, o céu brilhante salpicado por nuvens pálidas. Passou ao longo de Green Park e continuou pela esquina de Clarence House, alta e branca, onde o príncipe Carlos vivia quando estava em Londres. O seu destino era um pouco mais atrás, no Palácio de St. James.

Este conjunto de edifícios era bastante diferente dos restantes. De estilo Tudor, atarracados e de tijolos vermelhos, os edifícios eram muito mais velhos do que os outros. Sir Simon era um amante de história que adorava contar-lhe intermináveis factos curiosos sobre este lugar. O preferido de Rozie era sobre o príncipe James, o filho mais novo de Charles I, que tinha sido preso por Oliver Cromwell. O príncipe fugira ao jogar às escondidas com os guardas do palácio. A cada volta do jogo o príncipe descobria lugares mais difíceis de encontrar, até que um dia conseguiu escapular-se pelo portão do jardim com uma chave roubada, e já ia a meio caminho de Westminster quando se aperceberam de que tinha fugido. Conseguiu

chegar a França. De acordo com Sir Simon, que era um velho romântico, Charles I fora levado dali para o cadafalso em Whitehall com três camisas vestidas, para não estremecer e parecer assustado.

Rozie encaminhou-se para a entrada do pessoal em Stable Yard, a matutar sobre o facto de todos os embaixadores ainda serem nomeados pela «Corte de St. James» por motivos que não conseguia entender. Junto ao portão, um guarda de casaco escarlate e chapéu de pele de urso manteve-se impávido quando ela mostrou o passe a um oficial de segurança. Rozie foi levada através de quilómetros de corredores até um escritório no primeiro andar. Aqui, Neil Hudson, o atual avaliador dos quadros da Rainha, deu-lhe as boas-vindas com um sorriso intrigado.

— O que diabo a traz até aqui, capitã Oshodi? Eu podia tê-la visitado, sabe? Não havia necessidade de me encurralar na minha toca.

Rozie olhou em redor. Para toca, não era assim tão má. Um par de janelas olhava para uma rua larga que dava para Piccadilly, a um passo do Fortnum's e do Ritz. Uma das paredes apaineladas estava forrada do chão ao teto com pequenas, mas valiosíssimas, obras de arte; as restantes encontravam-se forradas com livros. A secretária de madeira de nogueira do avaliador — tão grande que parecia duas secretárias anormalmente grandes juntas — continha uma profusão de papéis, pisa-papéis, estatuetas de bronze e fotografias em molduras prateadas. Não havia sinal de um computador. Rozie presumiu que Neil Hudson o guardava dentro de uma gaveta quando tinha visitas. Certamente que não trabalhava com uma pena? O colete amarelo e o cabelo ondulado pelo queixo davam a impressão de um homem que adoraria que as pessoas acreditassem que ainda usava uma pena para escrever.

— Estou aqui para localizar um quadro — explicou Rozie. — Que pertence a Sua Majestade. Sabemos onde ele está, mas não como lá chegou. O quadro desapareceu há algum tempo.

— Pode parar! — Hudson levantou a mão. — Pode parar por aí. Posso assegurar-lhe que não desapareceu. Aqui na Coleção Real não se perdem coisas, capitã.

— Pois eu acho que perdem — disse Rozie com firmeza, enfrentando o seu olhar. — De vez em quando.

— Muito, muito raramente. Quase nunca. E ofende-me a insinuação de que isso sucedeu.

— Bem, mas isso é ótimo. Quer dizer que sabe o que aconteceu com o quadro.

Explicou-lhe tudo o que sabia sobre o assunto, enquanto o avaliador assentia sem nunca se comprometer.

— Nos anos noventa? Não deve ser difícil de encontrar. Os registos são bastante precisos. Mas se o quadro foi... digamos, erroneamente colocado, muito antes dessa altura, ainda nos encontrávamos a trabalhar com um sistema um pouco improvisado, principalmente no que diz respeito aos quadros da coleção pessoal de Sua Majestade. Mas não imagino que ela o tenha emprestado. Emprestamos obras pertencentes à Coroa com muita frequência, se as obras estiverem em boas condições para viajar, claro. Mas por vezes objetos pequenos e pessoais como esse... — Ele enrugou o nariz. — Além de tudo o resto, quem o teria visto para indagar pelo seu paradeiro? Claro que a capitã pode verificar, esteja à vontade.

O avaliador chamou uma assistente que levou obedientemente Rozie ao longo de vários corredores sombrios, por umas escadarias acima e outras abaixo, para lá de um par de estúdios bem iluminados e de portas abertas através das quais Rozie viu vários conservadores a trabalhar silenciosamente. Acabaram por chegar a uma sala abafada a alguns edifícios de distância, com uma janela que não abria e uma luz do teto que não parava de tremeluzir. Três das paredes estavam forradas com vitrinas de portas de vidro com uma coleção confusa de caixas de registos em papel que recuavam até 1952. Um computador numa secretária sob a janela suja dava acesso à base de dados de todos os documentos, entretanto digitalizados.

— Vou deixá-la à vontade — disse a assistente, depois de explicar o que estava onde. — Não precisa de luvas nem nada semelhante. Não somos muito meticulosos com os documentos do século xx. Basta que no fim ponha tudo nos seus respetivos sítios e que apague a luz. Boa sorte.

Rozie agradeceu-lhe, mas a sorte revelou-se fugidia. Depois de cerca de uma hora de esmerada busca por entre caixas de documentos, a única coisa que encontrou foi uma linha num caderno de registos amarelado que reconhecia a existência de um recibo para «*Pintura a óleo: HMY, por ocasião do 125.º aniversário da Regata Hobart, 1963, moldura dourada, de 15” por 21”*», por Vernon Hooker, recebido em 1964.» Não havia outra menção da saída do quadro do palácio, embora tivesse procurado em todas as caixas disponíveis e bases de dados digitais até ao ano 2000.

Antes de sair, Rozie decidiu tirar a caixa com os ficheiros originais de 1964 para os examinar uma última vez. Ter-lhe-ia escapado alguma coisa? Endireitou a página para tirar uma fotografia com o telemóvel. Nesta altura, viu uma palavra escrita a lápis na margem da folha. Presumira que

estava relacionada com a escultura listada em baixo, mas também podia ser referente ao quadro. Estava escrita inclinada e a sua leitura era difícil. Rozie olhou com atenção.

RUBBISH.

Será que dizia *rubbish* (disparate)? A sério? Certamente não podia ser assim. Apesar de, ao recordar as fotografias que vira do quadro, não ser de espantar. Será que os encarregados dos registos escreviam as suas impressões acerca das aquisições nas margens dos documentos? Talvez tivessem intenção de apagar a palavra?

Rozie observou-a novamente. Havia um pequeno espaço em branco entre as primeiras letras e as últimas. Espera — os dois últimos dígitos não eram letras, mas algarismos. Parecia um 8. Seria «82»? Ou «86»? E na palavra parecia haver também uma espécie de código — talvez fosse uma referência? Não conseguia ver bem.

Certificou-se de que a fotografia que tirou estava tão bem iluminada quanto possível, para depois a poder examinar mais atentamente quando voltasse para o seu escritório.

NO ENTANTO, DURANTE A HORA DE ALMOÇO, ROZIE DEU POR SI A MATURAR num comentário que Sir Simon fizera de passagem.

Rozie acabara de encher o tabuleiro na cantina do pessoal. «Cantina» era um eufemismo típico da Casa Real. Ali, a cantina consistia de uma sala de serviço e duas salas de refeição apaineladas, adornadas com quadros dos velhos mestres que faziam parte da Coleção Real, guardados por uma estátua de Burmese, um dos cavalos favoritos da Rainha, um presente da Real Polícia Montada do Canadá.

De acordo com Sir Simon, até há muito pouco tempo o pessoal comia em salas diferentes segundo a hierarquia, mas agora já se misturavam todos, o que agradava bastante a Rozie. Nunca se sabia quem se podia encontrar. O ambiente era normalmente descontraído e a comida tão boa quanto seria de esperar saída de cozinhas habituadas a preparar refeições para chefes de Estado.

Mas hoje era diferente. Na sala de refeições exterior, as pessoas sentavam-se às mesas primorosamente postas com toalhas brancas e talheres prateados e conversavam descontraídas em grupos de dois ou três. A refeição digna de um restaurante que Rozie levava no tabuleiro tinha um ar tão apetitoso como de costume, mas o ambiente estava tenso. Seria por causa do

recente resultado do referendo ao Brexit? Ouvira os cortesãos mais antigos a especular que a votação agitara as águas da opinião privada e que trouxera rivalidades antigas de novo à superfície. As pessoas questionavam-se se eram nacionalistas ou europeias? Se apoiavam a Commonwealth ou a Alemanha e a França? Era possível apoiar todos eles, pensou Rozie. Até há poucos meses era o que toda a gente fazia. Agora era necessário tomar um partido. Qualquer que fosse a razão, nos poucos meses desde que trabalhava no escritório privado, Rozie sentira que o ambiente mudara.

Um casal no canto mais afastado da sala chamou a sua atenção: uma mulher jovem com outra mais velha, com as cabeças juntas. Reconheceu a mulher mais nova, cujo cabelo ruivo lhe caía até meio das costas num estilo muito pré-rafaelita. Era Mary van Renen, uma das assistentes de Sir James Ellington. Rozie assentiu em jeito de cumprimento e encaminhou-se para a sua mesa. Quando estava quase ao seu lado, apercebeu-se de que Mary tinha os olhos vermelhos e uma expressão desolada no rosto.

— Oh, desculpem. Querem que vá para outra mesa? — perguntou Rozie.

— Não, junta-te a nós. — Mary gesticulou para o lugar em frente. — Por favor.

O sorriso reapareceu, mas era aquoso e forçado. Mal tocara no frango assado que tinha no prato, enquanto a sua companheira, muito apumada e de rosto composto, já quase terminara o seu.

— Pode ajudar-me — disse a mulher mais velha, quando Rozie se sentou. Parecia imperturbável perante a aflição de Mary. — Estava mesmo a dizer a esta jovem senhora como está a ser tonta.

Rozie olhou para a amiga com uma expressão intrigada.

— Esta é Cynthia Harris — disse Mary inexpressivamente. — Cynthia, esta é a capitã Oshodi, a assistente do secretário da Rainha.

— Trate-me por Rozie — disse ela, estendendo a mão.

— Bem me parecia que era você — disse Cynthia Harris, mostrando um conjunto de dentes irregulares e sem brilho, enquanto enchia o garfo de cenouras e batatas. Rozie retirou a mão. — Já a vi por aí — continuou ela. — Que excitante, Mary, termos uma pessoa tão importante sentada connosco.

— Eu não sou assim tão importante — insistiu Rozie.

— Oh, claro que é. Então se trabalha no escritório privado! Está no *top* três. Ficamos muito honradas com a sua presença, não ficamos, Mary?

Rozie não conseguiu perceber se a mulher estava a falar a sério ou não. Mary, que conhecia bastante bem já que aparecia no escritório com

frequência para cumprir as várias tarefas atribuídas por Sir James, estava a fitar o prato com uma expressão infelicíssima. Depois Rozie lembrou-se do que Sir Simon dissera sobre uma das secretárias.

— Não me digas que vais embora? Foste tu quem apresentou a demissão?

Mary assentiu sem levantar os olhos. Um par de lágrimas caiu sobre o puré de batata ainda intocado.

— Ela *diz* que vai embora — disse Cynthia Harris do seu lugar. — É uma criança irrefletida. Está a exagerar.

Rozie, cujo instinto era gostar das pessoas a não ser que estas provassem não ser merecedoras, dirigiu um olhar penetrante à mulher mais velha. Cynthia Harris era magra como um espeto, com cabelo liso quase branco, cortado por baixo da orelha; os seus olhos eram redondos e negros, o que fez Rozie pensar que se assemelhava a um pássaro curioso. O seu uniforme era da equipa de limpeza: um vestido imaculado branco com um casaco de malha azul-escuro. Parecia resistente e em forma, mas um pouco mais velha do que era habitual neste trabalho. Rozie pensou que ela não podia ter menos de sessenta e cinco anos, embora se questionasse se o rosto não lhe dava um ar mais velho do que a sua idade. Era uma daquelas pessoas que tinham o rosto encovado. Rugas profundas contornavam os lábios finos e os olhos. O nariz afilado tinha uma pequena explosão de minúsculas veias. Rozie tentou interpretar a sua expressão enquanto a empregada de limpeza levava calmamente o resto das cenouras à boca. A sua expressão seria de calma? De triunfo? De reprovação? Subitamente, os olhos redondos fitaram os seus. Rozie percebeu que estava a olhar especada para ela e desviou o olhar para Mary.

— Vais mesmo embora? — perguntou.

A mulher mais jovem assentiu.

— Tenho de ir. Não posso continuar aqui.

— Ai, mas que fita! — disse Cynthia Harris com uma pequena gargalhada.

— Não me sinto segura.

— Devas sentir-te lisonjeada, isso sim.

— Não te sentes segura? Porquê? — perguntou Rozie.

Mary levantou finalmente os olhos.

— Há alguém que me... tem andado a observar. Um homem. Que me envia coisas.

— Não sabes se é assim — resfolegou a mulher mais velha.

— Já o vi no exterior do meu apartamento.

— Sabes quem é? — perguntou Rozie.

— Recebi mensagens, mas não reconheço o nome. Ele disse que me conheceu no Tinder, mas que eu o rejeitei.

— É verdade? Conheceram-se, quero dizer?

— Acho que não. Já revi vezes sem conta todos os homens que conheci ali, e alguns eram um pouco estranhos, é verdade, mas acho que nenhum deles iria... — a voz de Mary desvaneceu-se.

Rozie interiorizou silenciosamente o facto de a sua amiga estar no Tinder. Mary van Renen — tímida, metódica e antiquada — sempre lhe parecera o tipo de rapariga que não se importava de estar solteira, ou que mantinha uma relação amorosa com um rapaz que conhecia há anos. Pelo menos andava à procura do amor — Rozie raramente tinha tempo para o fazer.

— O que escreveu ele? — perguntou.

— Isso agora não importa — disse Mary, e a sua expressão estava tão perturbada que Rozie não insistiu.

— E não sabes se era ele no exterior do teu apartamento, pois não? — acrescentou a empregada de limpeza. — Podia ser só alguém que parou para falar ao telemóvel.

— Ele não tinha um telemóvel na mão.

— Sabes, as pessoas atualmente usam muito os auscultadores — contrariou Cynthia Harris. — Ou os fones, ou lá como lhes chamam agora. Ele também podia estar à espera de alguém.

— Ele esteve lá pelo menos três vezes — Mary fechou os olhos.

— É o que tu dizes. — A mulher mais velha revirou os olhos e encolheu os ombros para Rozie. — E mesmo que tenha estado, a polícia disse que isso não prova nada.

— Foste à polícia?

Mary assentiu.

— Mas disseram-me que preciso de mais provas antes de poderem fazer o que quer que seja. Eles pareciam pensar que eu estava a imaginar coisas. Mas... mas depois aconteceu aquilo com a minha bicicleta.

Rozie viu como os braços de Mary estremeciam enquanto contorcia as mãos sobre o colo. Mary estava profundamente perturbada — traumatizada até — e Rozie não conseguia entender por que motivo Cynthia Harris continuava a desvalorizar os seus sentimentos, sem demonstrar a menor solidariedade com ela.

— O que aconteceu à tua bicicleta? — perguntou Rozie.

Mary teve de inspirar profundamente antes de conseguir falar. Fechou os olhos e falou depressa e baixo.

— Ele deixou um bilhete colado ao selim. Dizia que gostava disso porque era o sítio onde sentava a minha... — Parecia prestes a vomitar e continuou. — Não consigo dizer as palavras. Onde uma parte do meu corpo repousa contra o banco. Onde me sento. Dizia que gostava de me observar. — Abriu os olhos. — Venho todos os dias de bicicleta para o trabalho. Mas já não o consigo fazer. A minha mãe disse-me para voltar para casa e é exatamente o que vou fazer, o mais depressa possível.

— Oh, Mary, lamento imenso. Também contaste à polícia acerca do bilhete?

Mary abanou a cabeça.

— Não consegui. — Mais lágrimas caíram pelo seu rosto. — De cada vez que falo nisto, volto a reviver a experiência. É só...

Rozie estendeu o braço por cima da mesa e tocou com hesitação a mão sobre a de Mary. Apertou-lha com carinho.

Cynthia Harris soltou um ruído de reprovação. Estava a olhar para Mary com indignação.

— Quem vai lamentar despedir-se és *tu*. Tanta coisa por causa de um bilhete numa bicicleta! Vai lá, então! Foge para casa da *mamã* e deixa Sir James em apuros. Vocês, raparigas, são todas iguais. Um encontro que não corre bem e olhem para vocês, ficam logo destroçadas. Quando se pensa as coisas por que a Rainha já passou na sua vida. E dizem-se leais à Coroa?

— Eu só... não posso... com licença.

Mary agarrou com dificuldade na carteira que estava pendurada nas costas da cadeira e levantou-se, dirigindo-se com passos trémulos para a saída.

— Bem.

Rozie olhou para a mulher mais velha, que tinha um sorriso estranho no rosto. A empregada fitou Rozie e encolheu os ombros.

— É como eu digo — não têm espinha dorsal, coitadas. Isto está com bom aspeto.

Tirou uma uva de uma taça ao lado do prato e meteu-a na boca.

CAPÍTULO 5



Julho ia a meio, estavam no pino do verão. O Parlamento estava prestes a parar e os assuntos usuais de Estado abrandavam. Isto dava à Rainha algumas invulgares horas desocupadas. Depois do almoço, o compromisso seguinte seria a prova de alguns vestidos de noite, mas ainda faltava algum tempo. As corridas ainda não tinham começado. O que fazer com este presente de liberdade?

Fora encontrada recentemente uma fuga num dos sótãos da Ala Este do Palácio, com vista para O Bolo de Aniversário e o Mall. Um reservatório de água com meio século desenvolvera algumas brechas e inundara um par de quartos do piso de baixo. Ela vira os danos no dia em que se descobriu a fuga de água: alcatifas encharcadas e mobílias alagadas. O reservatório já tinha sido removido para ser substituído por algo mais adequado. De acordo com o mestre da Casa Real, os quartos ficariam bem depois de devidamente arejados e reparados com uma nova camada de estuque.

Ainda assim, uma pessoa precisava de se certificar. Pensou em levar um ou dois cães consigo, mas eles tinham dado um longo passeio à hora de almoço e pareciam mais dispostos a dormir. Disse ao pajem onde ia e subiu, feliz por estar um pouco sozinha com os seus pensamentos.

Já estava a imaginar as Terras Altas. As próximas duas semanas seriam dominadas pela mudança para Balmoral, onde passariam o resto do verão, e o palácio parecia estar já envolto em agitação. Filipe, que detestava toda a espécie de confusão, decidira ir durante alguns dias para Cowes, a fim de ver as corridas. A Rainha mal podia esperar por ir para norte. Ali uma

pessoa podia respirar o ar bom e limpo da Escócia; ser um pouco mais a «Lilibet» e um pouco menos a «minha senhora». Os bisnetos e os cães podiam andar à vontade sem medo de partir muita coisa. Estava ansiosa por ver George a correr por ali e por ter oportunidade de conhecer melhor a pequena Charlotte.

Ao chegar ao segundo andar, no corredor que conduzia até aos quartos danificados, sentiu um formigueiro na espinha e seria capaz de jurar que lhe cheirou subitamente a cedro. Que peculiar; estava à espera de cheirar apenas a humidade. Em vez disso, sentiu-se imediatamente transportada oitenta anos para o passado. Seria por estar a pensar em George e Charlotte? O que originara esta sensação súbita de, também ela, ser uma menina pequena, um pouco traquinas, de ter Margarida ao seu lado, incitando-a a ser mais traquinas ainda?

Continuou a caminhar, espreitando para as salas de um lado e do outro do corredor, procurando encontrar o aroma elusivo. A sua atenção fixou-se gradualmente no grande guarda-fatos de mogno que estava meio escondido por um pilar do corredor. Uma das portas estava entreaberta e ao aproximar-se viu a borla dourada pendurada na chave. Ah, sim!

As memórias fluuavam como a bruma dos tempos, mais fortes a cada passo que dava. Esta peça de mobília costumava estar junto ao quarto de bebés e fora adotada pela camareira chefe da mãe como armazenamento para roupas dos crescidos. Era um armário largo e robusto, polido ao longo do tempo até adquirir uma pátina avermelhada e lustrosa. Pousou a mão sobre a porta mais próxima, como a cumprimentar um velho amigo.

A porta entreaberta revelava o espaço vazio, marcado por traves de ambos os lados sobre as quais deviam apoiar-se as prateleiras largas — nos tempos mais recentes para guardar roupas de casa, presumiu. Mas o guarda-fatos estava absolutamente vazio, prateleiras e tudo, parecia pronto para ser transportado e agora estava quase como ela se lembrava dele.

Quando o tio David abdicou enquanto Eduardo VIII, nos últimos dias de 1936, a família não quisera mudar-se da sua confortável casa em Piccadilly para o enorme, frio e desajeitado palácio, mas agora o pai trabalhava ali e a mãe dissera-lhe que deviam «morar por cima da loja». O palácio era sobretudo um enorme conjunto de corredores, ladeados por criados altos de casacos vermelhos; tudo lhe transmitia a sensação de que estava sempre sob observação, que devia comportar-se como uma verdadeira princesa, embora não soubesse exatamente como o fazer. Mas também

tinha as suas compensações. Era um sítio absolutamente maravilhoso para jogar às escondidas.

Os longos casacos de peles da mãe costumavam ficar guardados do lado direito do guarda-fatos, protegidos por sacos de tecido, e os lenços de caxemira eram cuidadosamente enrolados e guardados numa prateleira do lado esquerdo. No meio encontravam-se casacos de pele de marta e casacos de ópera e, se uma pessoa subisse para o fundo sólido do armário, podia facilmente desaparecer por entre as roupas. Lembrava-se de a Margarida sibilar «Rápido, Lilibet!», enquanto se escondia por entre os protetores sacos de algodão. Não resistia a juntar-se à irmã. Tinha as sandálias limpas (verificara primeiro), e os corpos esguios e pequenos das duas cabiam na perfeição no guarda-fatos sem amarrotarem as roupas. A sensação de estar rodeada pelas roupas de gala da mãe era maravilhosa, de sentir o seu aroma suave misturado com o poderoso revestimento de cedro, que afastava as traças.

Devia ter cerca de onze anos e Margarida seis ou sete. Estavam a esconder-se de Crawfie, a precetora, que não sabia que estava a jogar às escondidas. Era uma grande, grande marotice e por isso os seus corações batiam tão depressa. Pobre Crawfie. Chamou e voltou a chamar por elas e o corpo de Margarida estremeceu de tanto rir.

Esconderam-se ali várias vezes e só uma vez foram descobertas e castigadas. Já não se lembrava de qual tinha sido o castigo — provavelmente algo como não comer sobremesa ao jantar —, mas Margarida decidira que a emoção valia o castigo, e estava certa. Agora que o guarda-fatos já não tinha roupas, uma pessoa era capaz de caber lá dentro, mesmo nesta grandiosa idade. Mesmo com um joelho afetado.

A Rainha sorriu amplamente perante a ideia e depois, para seu próprio espanto, deu por si a entrar no guarda-fatos, só para ver. Pousou uma mão sobre a porta da direita que estava fechada. O fundo do roupeiro ficava apenas a cerca de quinze centímetros do chão. O joelho direito queixou-se, mas quando levantou o esquerdo para se juntar a ele, conseguiu sentir a presença de Margarida, a da mãe também, embora o aroma aveludado de *L'Heure Bleue* já não se sentisse ali, combinado com o aroma a cedro. Devia tê-lo imaginado.

O interior do guarda-fatos estava escuro e quente, pacífico. Nos anos cinquenta, era Ana quem costumava esconder-se aqui — ela tinha o mesmo desrespeito pelos castigos — e dizia que estar ali a fazia lembrar-se de Nárnia. Sim, era possível imaginar que Nárnia ficava mesmo por detrás da

parede, que ali se encontrava um mundo mágico, apenas acessível às crianças. A Rainha fechou a porta atrás de si e parou para inspirar novamente o aroma do ar. Só precisou de se curvar ligeiramente. O guarda-fatos era muito espaçoso e havia algumas vantagens — ainda que apenas ocasionalmente — em estar a encolher do seu metro e sessenta de altura. Cumprimentou silenciosamente a irmã, que se teria rido a bandeiras despregadas caso a encontrasse ali.

Depois, sem qualquer aviso, veio-lhe à ideia a imagem do pobre jovem russo que fora encontrado morto, não há muito tempo, pendurado num guarda-fatos. Subitamente sentiu necessidade de sair, mas quando estava prestes a recuar em segurança ouviu vozes no cimo da escada, ao longe, e passos de duas pessoas a aproximarem-se rapidamente.

O que fazer?

Claro que o mais óbvio seria manter a calma e continuar a sair do guarda-fatos, fazer de conta que não se passava nada de extraordinário. Mas não seria fácil. Descer era mais difícil do que subir. Suportaria ela a ideia de que os funcionários iriam ver a sua monarca a sair desajeitadamente às arrecuas de dentro de um armário? Não, claro que não suportava.

As pessoas estavam a poucos passos de distância. Ela puxou a porta entreaberta um pouco mais para si e deixou uma abertura de pouco mais de seis centímetros. Se olhassem diretamente para ali conseguiriam vê-la, mas certamente que ninguém iria procurar uma rainha dentro de um armário?

Esperou ansiosamente. Os passos pararam. Abriram uma porta de um dos quartos próximos, mas ficaram à entrada, a conversar. Os joelhos dela estavam a gritar por socorro, mas não podia fazer mais nada a não ser esperar.

As pessoas baixaram as vozes. Até agora, conversavam alegremente sobre os preparativos para a viagem para a Escócia. Ouviu-se um ruído arrastado. O ambiente mudou, o tom de voz era furtivo.

— Há lá três. Basta conseguir que faça um em quinze dias e dois depois disso. Está a par dos planos?

— Sim. Cristo! Já me tinha dito. Eu entendo bem o que me dizem.

— O método é o mesmo de antes.

— Mas ela está bem, não está? Até agora não há queixas? Sei que me detesta, que não me suporta.

— Estou a marimbar-me para o que ela gosta ou não gosta, ou acha que me importo?

Enfado.

— Não.

— Então, por favor faça o que lhe mandam. Se falar de *alguma coisa* a alguém... — O tom ameaçador foi seguido por uma pausa. — Vamos embora. Este lugar provoca-me calafrios.

Saíram rapidamente por onde vieram. Assim que a Rainha ouviu a porta do corredor a fechar-se atrás de si, saiu do seu esconderijo aos tropeções e curvou-se para massajar o joelho, que estava a latejar em agonia. A menina de onze anos que foi um dia teria saltitado de entusiasmo perante a aventura, mas aos noventa sabia que não devia fazê-lo. Esperou um pouco para permitir que o corpo dorido recuperasse enquanto matutava na conversa que ouvira.

Seriam ambas as vozes masculinas? Ou uma delas pertencia a uma mulher mais velha e rezingona? O que diabo estavam a maquinar? Ia ter de pensar melhor em todo este assunto.

Entretanto, caminhou com dificuldade até ao piso de baixo e juntou-se aos cães com toda a dignidade que conseguiu reunir, que por esta altura não era grande coisa.